

Ernesto

Havia um prédio. Um edifício simples, apenas cinco andares de altura, localizado em um bairro simples, onde moravam pessoas simples. Entre estas pessoas está Ernesto, um senhor... Simples.

As pessoas diziam que Ernesto é um homem difícil. Ele mora sozinho desde que se mudou para o prédio, há cerca de vinte anos, não recebe visitas, não visita ninguém, não fala com os vizinhos e principalmente, não fala com as crianças que habitam o edifício.

Ernesto é aquele tipo de pessoa que não segura o elevador quando alguém vem correndo, não segura as sacolas das donas de casa, não responde o bom dia do porteiro e reclama das crianças o tempo inteiro.

As pessoas dizem que ele é um velho rabugento, amargurado com alguma coisa de seu passado, por isso sempre foi assim. Alguns ainda tentaram levar um bolo ou um pedaço de torta porém foram rejeitados na porta, as crianças tentaram oferecer alguma ajuda com as tarefas domésticas, mas nem atendidas foram.

Assim a vida no prédio simples seguia, em perfeita harmonia, exceto pelo morador do 101, Ernesto.

Nas tardes de quarta-feira as crianças jogavam taco, um jogo de arremessos, no pátio do prédio, entre gritos e rebatidas os pequenos se divertiam, alheios ao que acontecia ao seu redor e na janela atrás deles, a janela da sala do primeiro andar, onde senhor Ernesto havia acabado de chegar das suas compras semanais, ele resmungou alguma reclamação sobre o barulho da brincadeira enquanto depositava na mesa da cozinha suas sacolas quando foi assustado por um barulho alto no outro cômodo.

Ouviu antes de ver o que acontecera, no pátio reinava o silêncio depois do estrondo, ele pisou em pedaços de vidro quebrado passando para a sala. Ergueu o olhar para a janela e nem precisou de seus óculos de leitura para ver o buraco e a bola de couro em cima do seu sofá.

Nem se deu ao trabalho de verificar de onde veio o ataque, sabia muito bem quem eram os culpados. Ernesto pegou a bola e depositou no móvel da sala. Fechou a cortina com raiva e se jogou no sofá.

- Malditos pirralhos. – Murmurou.

Como resultado, o taco das quartas foi proibido no prédio, por vezes o pai de Gustavo, o garoto que assumiu ter lançado a bola, tentou contato com o senhor Ernesto, mas não foi correspondido, enfim, decidiu tomar outra abordagem.

Ernesto calçava seus sapatos quando o envelope escorregou por debaixo da porta. Com pouca dificuldade ele se abaixou para pegar, uma carta dentro do envelope manifestava as sinceras desculpas de um tal Gustavo e uma quantia em dinheiro vivo acompanhava para o reparo da janela.

- Bem, nada mal então. – Ernesto guardou o dinheiro e jogou a carta fora antes de pegar suas sacolas retornáveis, pendurar os óculos de leitura no pescoço e sair.

Era um senhor, já aposentado há alguns anos, ainda com perfeita capacidade de viver sozinho. Sempre soube cozinhar, lavar e passar. Trabalhou a vida inteira e agora levava uma vida tranquila, apesar dos pesares. Os problemas de saúde existiam, a audição e visão não eram mais a mesma, entretanto, nenhuma limitação física o atingia, até o corpo de certa forma refletia o resultado de uma vida equilibrada no passado.

Entre seus muitos hábitos estava o mercado nas quartas após o almoço. Era o dia de feira e preferia ir no momento em que o estabelecimento estivesse mais vazio. Neste dia ele não teve tanta sorte, já aguardava há alguns minutos na fila preferencial pelo seu atendimento quando o homem na sua frente se virou e decidiu puxar conversa:

- Que demora, né? – O homem disse sorrindo e Ernesto não entendeu como ele poderia estar feliz com uma fila do supermercado, encarou o companheiro de espera profundamente antes de murmurar no seu tom habitual:

- É.

O faladeiro resolveu olhar para frente de novo e ficou quieto, apenas por mais dois minutos antes de virar de novo com uma nova pauta:

- Você viu como a maçã está cara? – Desta vez Ernesto tentou corresponder o sorriso do homem, o que resultou em uma careta que pareceu assustar mais ainda o outro senhor que voltou a virar para o outro lado. A fila deu dois passos neste meio tempo.

- Vi sim. Mas a pera estava boa. – Ernesto disse depois de mais alguns passos da fila. Recebeu um sorriso ainda maior em resposta. O senhor não teve tempo de continuar o assunto pois, finalmente, chegara sua vez no caixa.

Para surpresa de Ernesto o “colega” de espera aguardou ao lado da saída por ele, com um sorriso o homem perguntou se podia acompanhá-lo.

O homem, que se chamava Julio, era extremamente simpático, puxou assunto o caminho inteiro e os dois descobriram que moravam até que próximos um do

outro, apenas algumas quadras de distância. Julio o convidava para uma caminhada matinal quando Ernesto se lembrou da sua janela.

- Desgraça! Me esqueci.

- Calma homem, o que foi?

- Eu esqueci que tinha que passar no vidraceiro para ver de arrumar minha janela que um pestinha imprestável quebrou outro dia.

Julio deu uma sonora gargalhada da forma que o colega falou.

- Meu Deus, quantos anos tem este pestinha?

- Uns 10. – Julio riu novamente.

- Pelo amor de Deus Ernesto, é só uma criança, não foi de propósito.

- Você não sabe, estas crianças, como você diz são apenas diabretes disfarçados.

- Agora entendi tudo. Bem, para sua sorte eu sou vidraceiro. Quer dizer, era. Mas meu filho toca a vidraçaria agora, eu posso ver com ele para ti.

- Eu agradeceria muito.

- Então agradeça, eu passo na sua casa para a caminhada amanhã então? – Ernesto resmungou alguma coisa inaudível quando eles chegaram na entrada do prédio e apenas concordou com um aceno.

Os dois se despediram enquanto Ernesto passava pelo portão e Julio continuava seu caminho.

No dia seguinte Julio chegou cedo, como prometera, Ernesto já aguardava na frente do prédio, seu mau humor matinal piorado quando o colega começou a rir conforme se aproximava.

- Você ri demais Julio, qualquer coisa dá risada assim, qual é a graça agora?

- Você! Que roupa é essa? Calça comprida, blusa fechada? A gente vai caminhar debaixo do sol, homem!

Então percebeu que o companheiro estava de shorts e camiseta, além de um boné para proteger o rosto do sol de verão.

- Vou assim mesmo.

- Então tá, orgulhoso.

Mais tarde eles se viram novamente, desta vez, Julio chegou lá com o filho para consertar a janela do senhor Ernesto.

O idoso não pode deixar de observar a relação de pai e filho enquanto trabalhavam, o filho tirou as medidas enquanto Julio anotava, acertaram alguns detalhes sobre o encaixe da janela e o mais novo partiu para buscar o vidro novo.

- Então, não vai me servir um café? – Julio solicitou se sentando no sofá, todo à vontade.

Ernesto nem respondeu, apenas foi para cozinha preparar a bebida, ainda pensativo.

- Então, você não tem filhos? – Julio perguntou quando o colega retornou com as xicaras com o café já servido.

- Não, nunca fui nem casado.

- Como assim? – O tom não era inquisidor, apenas curioso.

- Não sei. – Ele deu de ombros. – Nunca tive a oportunidade, nenhuma namorada entendeu minha dedicação ao trabalho.

- Entendo. – Julio pareceu refletir enquanto finalizava sua bebida. – É realmente complicado... Casamento.

- E a sua esposa?

- Ah, ela já se foi há alguns anos.

- Sinto muito.

- Tudo bem, nós erámos melhores amigos, até o fim. Acho que por isso que deu certo.

- E só tiveram um filho?

- Só um. Eu também era muito dedicado ao trabalho, não soube valorizar muito a minha família. Agora eu reconheço.

- É, às vezes eu penso nisso também. Família. Como deve ser ter uma.

- Você ainda pode formar sua família, e sempre temos os amigos que fazemos como uma segunda família. Certo? – Julio se levantou e recolheu as xicaras, enquanto as levava para a pia completou. – Você pode fazer parte da minha se quiser.

Ernesto sorriu como nunca antes.

Julio assistia ao filho trabalhar na troca das janelas quando algo chamou sua atenção, uma bola de couro largada sobre um móvel.

- Você joga? – Ele perguntou com a bola na mão para um Ernesto que vinha da cozinha após lavar louça.

- Quê? Não! Foi a bola que os pirralhos acertaram aqui.

- E por que você guardou isso?

- Eu ia fazer o quê? Devolver?

- Lógico.

- Eu não!

A expressão: “coração peludo” é utilizada para se referir a alguém que acumula mágoas e rancor, criando uma proteção entre si e as outras pessoas. Julio pensou sobre isso enquanto acompanhava o serviço. Ninguém deveria viver assim.

Quando o trabalho estava pronto Julio não quis cobrar do novo amigo.

- Mas tem certeza? Seu filho trabalha com isso.

- Tenho, fica tranquilo. Porém, eu tenho uma condição.

- E qual é?

- Devolve a bola das crianças.

Ernesto fechou a cara, as rugas se acentuaram em sua testa pálida enquanto Julio desatou a rir, nenhuma linha de riso aparente na pele negra dele, sua maior característica da velhice são os cabelos brancos e rareados.

- Você não existe. – Julio disse entre gargalhadas. – A sua cara, ai meu Deus. Vamos lá, só deixar a bola na casa do menino, não vai doer.

- Mas vai fazê-los acertar aqui de novo.

- A gente arruma novamente, só que aí eu vou ter que cobrar.

Julio foi embora deixando Ernesto contemplativo, o jeito otimista e despreocupado, algo que ele jamais imaginou para sua vida, como ele conseguia? E o que disse era verdade? Ele ainda tinha tempo de mudar?

No fim de semana senhor Ernesto foi convidado para um churrasco na casa do novo amigo, e o homem que nunca saía a não ser para o mercado, aceitou o convite. Quando saiu de casa percebeu que desde que conheceu Julio sua vida ficou muito mais agitada e se isso era uma coisa boa.

Ao contrário dele, o amigo morava em um sobrado, uma casa ampla com quintal e garagem, na qual até a pintura parecia combinar com a personalidade de Julio, um verde brilhante e chamativo realçava as paredes externas.

Não haviam muitas pessoas presentes, apenas uma irmã que o visitava e seu o filho, que ele já conhecia, com sua respectiva mulher e filho de aproximadamente cinco anos, a visão da criança fez Ernesto cerrar os punhos. O pequeno Juca brincava sozinho com uma bola de futebol enquanto os adultos conversavam e comiam.

Julio quem cuidava da churrasqueira, e Ernesto anotou mentalmente que era o primeiro churrasco que ia em anos, ele nunca saberia nem preparar este tipo de comida.

Já no final da longa e ensolarada tarde Julio sumiu, Ernesto que ficou entretido na conversa com a irmã mais nova do amigo não se deu conta, até ouvir os gritos vindo da garagem da casa.

- O que está acontecendo? - Ele interrompeu a conversa para perguntar.

- Deve ser meu pai e o Juquinha jogando bola. - O filho respondeu e seguiu com a conversa, mas Ernesto não acreditou. Se levantou e foi ver com seus próprios olhos.

A cena era uma bagunça a primeira vista mas depois fazia mais sentido, Julio estava de frente para a parede da garagem, descalço, seus chinelos serviam de trave, enquanto o neto chutava a bola totalmente torto em sua direção e ele se jogava no chão para fingir uma defesa.

As costas de Ernesto doeram só de assistir.

- Vem Ernesto! Joga com a gente.

- Não, de jeito nenhum, eu não sei jogar.

- Claro que sabe. Vamos!

- Vem tio! - O pequeno Juca chamou e jogou a bola na sua direção.

Durante os poucos segundos que a bola levou, rolando vagarosamente até ele, muitas coisas passaram pela sua cabeça, flashes de uma vida inteira do que poderia ter sido e do que não foi. Ernesto sabia que não pertencia ali, ainda assim, estranhamente ele queria se encaixar, queria ser melhor. E sentia que não poderia nunca decepcionar aquela pessoa que sorria para ele ali, com os braços esticados esperando o rebote, a única pessoa que ele teve vontade de responder.

Assim, ele chutou a bola na direção do amigo. Golaço.

Os dias se passaram, viraram semanas que por sua vez viraram meses. Agora Ernesto saía para caminhar dia sim dia não com seu amigo, eles também iam ao mercado juntos toda quarta feira, e quando o tempo colaborava se viam aos fins de semana para levar Juca ao parquinho do bairro.

Ernesto estava mudado, ele sorria agora, respondia ao bom dia do porteiro e até gritava incentivos na janela enquanto as crianças jogavam taco no pátio do prédio, ele inclusive devolveu a bola de Gustavo e falou com o síndico para que a atividade voltasse a ser permitida semanalmente.

Tudo estava diferente, às vezes se pegava admirando a própria imagem no espelho, coisa que nunca fizera antes, antes de Julio.

Era de manhã, dia de caminhada, Julio já aguardava em frente ao prédio se alongando quando Ernesto saiu. Uma vizinha estava junto dele e ambos sorriam, ela o avistou e abriu o portão, ele não deixou de perceber a troca de palavras entre eles antes acabar enquanto se aproximava.

- Bom dia! – Ernesto cumprimentou.

- Oi Seu Ernesto, tudo bom? – A vizinha seguiu seu caminho e os amigos o deles.

- O que vocês estavam conversando? – Não resistiu a pergunta.

- Ué, nada demais. – Julio desconversou.

- Como assim nada? – Ernesto sorriu de canto. – Estavam paquerando?

Julio tropeçou na calçada.

- Quê!? Não, que isso amigo.

- Ué, não tem nenhum problema Julio, a Dona Marta é uma senhora bastante... Enxuta – Ele escolheu as palavras.

- Não, amigo, isso não é para mim mais.

- Como não? Você é mais novo do que eu, e está bem mais inteiro do que eu. Você tem charme Julio, reconheça.

Julio começou a rir e Ernesto o acompanhou. – Eu? Charmoso?

- Claro. E deveria usar isso.

- Tô tentando. – Julio baixou o tom de voz e disse sério. – Amigo, posso te contar uma coisa?

- Claro.

- Eu sou gay.

Dessa vez Ernesto quem tropeçou no meio fio e se desequilibrou. Julio correu para ampara-lo, felizmente em tempo, ele se reergueu a queda que poderia ser feia foi evitada.

- O que você falou?

- Nada, você está bem? – Julio procurava por qualquer arranhão ou machucado pelo amigo ainda o apoiando.

- Eu estou! Me solta. – Ernesto tirou as mãos de si com um empurrão.

- Droga. – Julio suspirou. – Olha, esquece o que eu falei tá?

- Não, eu ... Como assim? Você tem um filho! Você foi casado a vida toda!

- Sim, eu tenho. E fui casado com a minha melhor amiga a vida toda, ela foi a mulher mais corajosa que já conheci, por me aceitar quando ninguém mais aceitaria. E viver comigo mesmo sabendo que eu nunca seria o marido que ela queria. Nós tivemos um filho, era o mínimo que eu poderia fazer por ela.

- Sua família sabe?

- Claro.

- E aceitam?

- Alguns sim, outros sumiram depois de saber, desde então eu tenho valorizado quem realmente vale a pena. Eu só te contei pois... Bem, achei que você poderia ser da minha família também. – Julio demonstrou tristeza na voz pela primeira vez.

Ernesto finalmente pareceu se recompor e deu as costas para o amigo, na direção oposta ameaçou ir embora, compulsivamente ele parecia acenar negativamente com a cabeça, como se não entendesse o que ouviu.

- Ernesto, não vai! Isso não muda nada entre a gente, entenda, eu só cansei de viver aquela vida de esconderijo e repressão. Eu só tento ser livre, pelo menos agora, depois de tantos anos.

- Justamente, um homem já no fim da vida não tem porque mudar tudo assim de repente. Eu estava certo.

Ernesto foi embora.

Os dias se passaram novamente, porém sem o brilho de antes, agora Ernesto não saia mais para caminhar, nem cumprimentava os vizinhos, voltou a reclamar das crianças jogando bola. Foi como se o período com Julio tivesse sido apenas uma amostra grátis e ele não tinha gostado.

Mas, por que não? As vezes ele pensava antes de dormir, qual motivo o fez sair daquele jeito, a revelação do amigo? Ele estar conversando com sua vizinha? Afinal, o que havia apertado os botões errados na sua cabeça e o feito desistir dessa amizade?

Depois do seu aniversário de sessenta anos ele havia aceitado a solteirice, engolido a seco o fato de que se não conseguiu se firmar com ninguém até ali não conseguiria mais. Isso o afastou de tudo e todos, o tornou quem ele era.

Agora, anos depois, Ernesto finalmente havia conhecido alguém, não alguém para ter uma relação, mas alguém que o fazia pensar que talvez valesse a pena investir em alguém de novo, nem tudo precisa ser sobre romance, certo?

Como o foi tolo.

Julio foi deixar o neto na escola naquela manhã, andava cabisbaixo e triste, pois sentia falta do amigo. Por melhor que as coisas fossem, a solidão dele o assolava todos os dias quando o filho trabalhava, o neto estudava e não tinha ninguém por perto. Ninguém para ele lembrar a razão de estar vivo.

Não é fácil ser feliz.

Ele ouviu os passos apressados atrás de si antes de ver, virou apenas a cabeça, curioso, a surpresa veio na forma de seu amigo, andando rápido, quase correndo dentro do que a idade permitia, ao seu encontro.

- Ernesto? – Ele quis confirmar enquanto se virava por completo, não obteve resposta, foi pego em um abraço antes, forte.

Ele nunca o tinha abraçado, mesmo nos poucos meses em que se conheciam, nunca. Então o que a vizinha fofoqueira disse fez sentido, Ernesto era um homem solitário, assim como ele, desacostumado com o prazer de ter um amigo para passar seus dias, e agora ele não precisava mais viver assim. Ernesto tinha encontrado alguém.